



BPI – Biblioteca Pública Independente
www.bpi.socialismolibertario.com.br
MAL-BH – Movimento Anarquista Libertário
www.socialismolibertario.com.br

ENTORNO DOS PROBLEMAS DA LUTA E DA ORGANIZAÇÃO

José Antonio Gutiérrez
15 de julho de 2005.

Em momentos em que os anarquistas começam a discutir as perspectivas da atividade anarquista a médio prazo, se evidencia melhor o nexos que existe entre tática e estratégia: isto é, entre aquilo que consideramos nosso objetivo, a sociedade libertária, e os meios com os quais buscamos alcançá-la. Tendo em consideração que o anarquismo tradicional tem tendência a rechaçar de maneira taxativa a distinção artificial entre “fins” e “meios”, resulta surpreendente o enorme divórcio com que estes se apresentam frequentemente na prática anarquista. Isto se deve, em grande medida, a falta de planificação estratégica, que deveria criar a ponte que une aquele “distante futuro”, com aqueles assuntos que nos surgem no dia a dia.

Entorno aos problemas colocados pela luta de classes concreta e a organização popular

Reflexões desde uma perspectiva Anarco-Comunista

É verdade que muitas vezes não há, na realidade, maiores diferenças quanto ao que devemos fazer no dia a dia e aquilo que ansiamos como “futuro distante” (pese a que se encontra de todo en la “jungla anarquista”), se não que, claramente, é nas perspectivas a

médio prazo onde a maior parte dos desacordos aparecem. Isto se deve porque é nesse ponto onde se começa a tratar o problema de que via revolucionária temos de seguir para conseguir derrotar a velha sociedade e o nascimento da nova. É somente quando temos optado por certas perspectivas a médio prazo quando as lutas se volta em realidade “revolucionária”, já que então começam a servir a um objetivo com um claro sentido, já que então podemos tomar a iniciativa política e já que é somente então quando aquele distante futuro deixa de ser um sonho utópico para se converter em um programa revolucionário.

Sabemos que necessitamos conseguir algo mais que um espaço nos noticiários ou um punhado de militantes novos com nossas lutas particulares. Sabemos, além do mais, que necessitamos criar certos mecanismos para atestar que, efetivamente, estamos nos dirigindo para algum lado. Isto supõe a criação de vínculos orgânicos de caráter permanente que, de uma maneira ou outra, sobrevivam aos ciclos passageiros de rebelião, dando um sentido de continuidade a essas rebeliões. E, ao mesmo tempo, necessitamos ter uma série de objetivos para apontar, já que eles servirão como guia para nossas atividades e como mecanismo de avaliação com o qual medir nossa efetividade.

Com respeito aos vínculos orgânicos entre as distintas lutas e os diferentes “capítulos” no desenvolvimento histórico da luta de classes, devemos primeiro analisar a natureza dos atores que lutam, para saber como tratar, desde uma perspectiva libertária, o problema das diferentes organizações que existem na sociedade.

Os sujeitos populares

Primeiro que nada, e claramente que não há necessidade de argumentar isto com luxo de detalhes com os anarquistas de tradição classista e revolucionária, a base da luta revolucionária é a contradição entre duas classes fundamentais; a classe trabalhadora e a burguesia. Como colocou o camarada Mac Giollamóir na edição No.86 de “Workers Solidarity”, “a classe trabalhadora é um dos polos de uma relação social que define o capitalismo. Esta relação é a

relação do empregador com o empregado. É a relação entre o capitalista que compra a habilidade do trabalhador para laborar e que vive livremente, e o trabalhador que deve lhe entregar essa habilidade afin de poder, simplesmente, viver”. É parte de uma relação dinâmica, dialética, e não um conjunto de personagens imutáveis. As principais características da classe trabalhadora são: sua dependência do sistema salarial; sua condição subordinada na organização hierárquica do trabalho (na qual todos terminamos sempre tendo alguém sobre nossas cabeças); sua condição de geradora de mais-valia que é apropriada pelos capitalistas; e por conseguinte, o fato de que experimenta a exploração.

Esta é a realidade que subjaz e que dá forma a sociedade – capitalista- moderna. É uma realidade, mas se refere a uma relação, é a descrição de um processo, a um modelo teórico útil para compreender uma realidade que é de longe mais complexa que a visão esquemática destes dois polos antagônicos (de ser de outro modo, a revolução não teria nenhum problema, já que, somente por uma questão de número, a classe dominante já haveria sido expulsa de cima do poder faz muito tempo). Entre estes dois polos, existe uma ampla gama de meios tons. E, ademais, o conflito de classes assume expressões concretas em sujeitos concretos. Quem são estes sujeitos? Tal é uma pergunta da maior importância para qualquer revolucionário, porque a definição desses atores em luta determinarão, em grande medida, as táticas que se escolham.

Podemos classificar estes sujeitos da luta segundo vários indicadores:

1. Seus problemas e interesses imediatos;
2. Sua tradição de luta e organização, que emana deste conjunto de problemas e interesses;
3. Um lugar ou atividade comum na sociedade.

Sem importar que estes sujeitos se encontrem em estado passivo, seu potencial para se converter em um fator detonante da luta de classes pode estar presente ainda que hibernando.

Além do mais, é necessário mencionar que estes sujeitos populares não representam, necessariamente, uma classe em si mesmos; tomemos, por exemplo, os sujeitos tradicionais –estudantes, trabalhadores (urbanos), comunidades e camponeses. Somente os trabalhadores podem ser considerados como uma classe “pura”, enquanto que em todos os outros sujeitos, contém membros de diferentes classes e todo tipo de escalas de tom (pequena-burguesia, burguesia, a nebulosa classe média, elementos marginais e classe trabalhadora). A natureza classista dos sujeitos populares, em geral, demanda uma tendência classista, de arraigo proletário, que se expresse como força política, com capacidade de ganhar outros segmentos da sociedade para a causa revolucionária e seu programa.

Estes sujeitos, por sua vez, são categorias que não existem isoladas umas das outras. Os filhos do operário são estudantes, e todos são moradores de um determinado bairro. Mas sua identificação primordial com um determinado sujeito popular se intensifica na presença da luta e se articula em função de uma tradição organizativa específica. Para por um exemplo, no Chile em 1983 estalaram massivas manifestações contra a ditadura de Pinochet; pese a que os chamados a lutar vieram originalmente dos sindicatos mineiros, a debilidade relativa dos sindicatos em um contexto de semi-clandestinidade[1], fez que o principal foco de protesto fossem as comunidades populares –onde viviam os trabalhadores, mas onde também viviam outros setores sociais, como os tenderos, quem frequentemente se uniram aos protestos junto com os trabalhadores, com as contradições de classe que isso as vezes implicava[2]. Mas a identidade destas lutas se constituiu em torno a certas organizações e lutas localizadas em um espaço concreto –as comunidades neste caso. Quem lutava, fazia como movimento de moradores. Mas muitos deles eram a mesma gente que, dez anos antes, havia articulado sua identidade ao redor dos Cordões Industriais, durante o período da Unidade Popular (1970-1973). Isto reflete a natureza dinâmica dos sujeitos populares, assim como de sua identidade. A criação de tal identidade, ancorada em uma problemática, experiências, assim como em demandas comuns, é o solo onde a luta germina; esta não germina sobre declarações teóricas vagas

sobre o conflito social em abstrato, ou sobre demandas utópicas de mudança social.

Uma vez que temos definido os sujeitos populares em um momento e espaço dados, podemos começar a pensar demandas concretas de luta a médio prazo, no marco de um programa revolucionário de longo alento, e é este passo o que nos permite recuperar a iniciativa política. Mas também podemos começar a pensar as formas de organizar aqueles setores de acordo com nossas próprias convicções de base, anti-autoritárias e baseadas na democracia direta, ou, ao menos, podemos ver a maneira de como influir suas próprias organizações de uma maneira saudável e libertária. Mas neste ponto devemos ter muito cuidado de não confundir os diferentes espaços e tipos de organizações, se o que queremos gerar é unidade e não discórdia. O melhor exemplo de como não fazer as coisas, é o estilo tipicamente trotskista que confunde os domínios do partido, com os do movimento popular. Esta miopia política leva a contração e o divisionismo para o seio do movimento popular, o que é a constante de todas as iniciativas que conseguem copar, as quais se reduzem e dividem até que é impossível distinguir a “frente de massas” da respectiva fração política que a tutela. O sectarismo é a única consequência lógica que se desprende desta prática, e isto debilita as forças populares. Os anarquistas no tem sido imunes a tendências semelhantes, particularmente no anarco-sindicalismo (ao menos, em suas versões contemporâneas mais sectárias), o qual tradicionalmente tem confundido o que é uma “organização política” (ou partido) com o que é um “sindicato”. O resultado, é que rara vez tem atuado como uma força propriamente política, sem tampouco atuar como uma força propriamente sindical. Isto tem causado que, salvo muito contadas exceções, esta corrente haja tido um breve auge, mas logo rapidamente declinar em quase todas partes.

Então devemos explicar ao que nos referimos quando falamos de organizar o povo para a luta, já que existem infinidade de tipos de organização, e devemos, como libertários, ter políticas específicas para cada um dos diferentes âmbitos de organização do povo.

Três âmbitos de organização

Tomando em consideração o já mencionado (isto é, a natureza da classe trabalhadora e dos sujeitos populares como expressão concreta da luta de classes), podemos então entrar na matéria: os três âmbitos em que se organiza o povo e a maneira de construir um movimento de natureza libertária e revolucionária. Deve ser dito que não existem fórmulas mágicas para nenhum destes problemas, e que a descrição que faremos dos três âmbitos da organização do povo é, talvez, tão geral e teórica como a definição abstrata e descontextualizada do proletariado. Existe um modelo teórico geral, mas ele se expressa de modos concretos e específicos também.

Os âmbitos de organização estão determinados pelo cruzamento de um programa de ação e a natureza dos sujeitos populares com quem damos a luta. Antes de seguir, nos permitam lembrar primeiro de um dilema ineludível de qualquer movimento revolucionário: o reconhecimento de que só a unidade da classe trabalhadora pode derrotar a classe capitalista, mas que, ao mesmo tempo, a classe trabalhadora não é um bloco homogêneo –apresenta diferentes níveis de consciência de classe e política, apresenta diferentes opiniões, idéias e tendências, algumas mais inclinadas até o polo libertário, e outras mais inclinadas até o polo autoritário. A unidade é necessária, mas uma unidade cabal é impossível. Por isso, necessitamos determinar os níveis de unidade que precisamos alcançar nos diferentes âmbitos de organização[3]. Não é possível dividir esta questão da natureza de cada âmbito de organização e de sua definição em termos suficientemente precisos. Os diferentes âmbitos são:

1. O âmbito das organizações sociais, populares e de massas – ou o âmbito social:

Este âmbito se compõe daquelas organizações que agrupam a um único sujeito popular de luta, independente de suas inclinações políticas (sindicatos, conselhos estudantis, organizações de vizinhos, etc.) Nelas, a unidade deve ser tão ampla como seja possível, e devemos lutar contra todo sectarismo nelas. A maneira de conseguir

influir nelas é mediante a agitação de demandas concretas, mediante nossas práticas e mediante a denúncia constante em seu seio das contradições sociais. É neste tipo de organização onde a unidade do mais amplo conjunto do povo é possível, e é esse o objetivo que estas organizações deveriam perseguir. E pese a não ser de uma natureza “política” (entendido não no sentido mais amplo do termo “política”, mas no sentido de que não se constituem desde um marco doutrinário e um programa social dado, reunindo gente de um diverso espectro), podem se politizar com o curso da luta e com o natural curso da luta de classes. Sem importar quão politizadas podem estar, não podem jamais se confundir com um grupo político ou com uma tendência. E devemos deixar sempre claro que nosso objetivo é que nossas idéias influam sobre a maioria, mas que devemos, por sua vez, evitar impor etiquetas ideológicas sobre elas, e evitar os expurgos ideológicos –particularmente com os setores minoritários.

2. O âmbito das tendências, redes, correntes ou frentes –o âmbito político-social:

Este representa um nível intermédio em que se aglutinam elementos de um sujeito popular específico, mas que tem em comum certas linhas políticas. Este último ponto marca a diferença mais sensível com o âmbito social. Esta inclinação política, não pode ser, em todo caso, tão definida como a requerida para pertencer a um mesmo partido ou grupo político. Certos militantes ou ativistas que compartilhem uma mesma visão e que compartilhem políticas em relação ao ponto específico que lhes une (seja a atividade sindical, estudantil ou comunitária), se organizam para formar uma certa tendência no seio de um movimento ou organização maior. Um bom exemplo, poderia ser a formação de uma tendência em uma organização sindical: seus integrantes podem estar em desacordo em várias questões políticas, podem provir de diferentes vertentes doutrinárias, mas estarão de acordo, por exemplo, em desenvolver um sindicalismo classista e combativo que se oponha ao pacto social. Não é necessário estar de acordo em tudo; seria um erro confundir esta confluência com um “matrimônio”, e tal coisa poria em risco a realização das tarefas mais urgentes. Estas organizações

seriam mais específicas, falando em termos políticos, que o sindicato em questão; mas não se corresponderiam com uma força política homogênea. Outro bom exemplo, são as experiências de construção de “frentes libertárias” na América do Sul –que agrupam estudantes, moradores e trabalhadores que compartilham uma aproximação libertária da política, quanto ao que se refere a questões organizativas e métodos de luta, e que compartilham um conjunto específico de propostas referentes a seus problemas específicos no lugar de trabalho, residência ou estudo. Mas quem compõe estas frentes, podem estar em desacordo em muitas outras coisas que não afetam a luta específica nem o trabalho cotidiano na organização a que pertencem e que, por conseguinte, são irrelevantes para o nível de unidade requerido nestes espaços.

3. O âmbito da organização ou partido revolucionário –o âmbito político-revolucionário:

Este âmbito é o mais específico de todos eles, e se compõe de pessoas provenientes de diversos sujeitos populares (estudantes, trabalhadores, etc.), quem comparte uma orientação política e um programa (que em nosso caso é de corte libertário e revolucionário). Ao ser proveniente de diversos espaços sociais, resulta evidente que este âmbito poderá se referir, primordialmente, a mudanças de toda a sociedade. A unidade, neste âmbito, é muito mais restrita; a unidade, precisa de níveis superiores de unidade tática e ideológica. A unidade não teria maior sentido frente a incapacidade de acordar um programa coletivo de intervenção na sociedade, devido a mesma heterogeneidade de seus componentes, que impossibilita o trabalho em reivindicações mais cotidianas. Estes componentes heterogêneos somente se unem por questões transversais. Aquí se refletem mais claramente as posições de luta de classes e as diversas opções classistas assumidas pelas diferentes forças políticas, pois é o espaço transversal onde se decanta a natureza policlassista dos sujeitos em função de um projeto dado.

É necessário esclarecer que, como concebemos este modelo, todos os âmbitos são autônomos uns dos outros, na medida em que as decisões devem ser tomadas pelas bases de cada um destes âmbitos.

Em nossa concepção libertária, não basta saber que organização faz o que, ou qual é sua natureza e alcance, mas também é necessário ressaltar que, afin de que cada tipo de organização realize plenamente seu potencial e o potencial de seus membros, a democracia direta e a participação de base são requisitos fundamentais. Rechaçamos radicalmente o velho modelo leninista segundo o qual as organizações sociais são o pátio traseiro das organizações políticas, assim como também rechaçamos o extremo oposto que converte as organizações políticas em uma mera caixa de ressonância das organizações populares.

Dito isto, é legítima a interação entre os diferentes âmbitos organizativos: assim como é legítimo que a organização político-revolucionária agite seu programa e seus postulados no seio de todas as organizações populares onde tenha membros, com o objetivo de popularizar suas idéias e tratar de ganhar respaldo e influir saudavelmente nas massas, é também perfeitamente legítimo que a organização político-revolucionária se mostre permeável aos aportes que realize o movimento popular, e suas expressões sociais e político-sociais.

Este é um breve repasse do problema dos sujeitos populares em luta, as classes e as organizações. Não pretende ser mais que um esqueleto para começar a discussão sobre nossas perspectivas a médio prazo, e de como solucionar os problemas que temos por diante quando tratamos de definir uma rota revolucionária para nossa respectiva região no século XXI.

NOTAS:

[1] Os sindicatos eram permitidos, mas sua atividade estava fortemente restringida.

[2] Recordo das assembléias barriais argentinas, era particularmente evidente as tensões e contradições expressas nas diversas aproximações políticas dos diversos participantes –enquanto os setores trabalhadores mostravam uma disposição mais radical, os tenderos locais, técnicos ou profissionais, mostravam, como tendência geral, muito mais cautela.

[3] É mérito de Bakunin e da Plataforma Organizativa para uma União Geral de Anarquistas, entregar alguns elementos bastante interessantes sobre estas questões.

Fonte: Anarkismo.net

Tradução: da redação de vermelhoenegro.org/fag